

“Uma produção tão perfeita e inigualável”: invenção autoral e projetos editoriais da Livraria José Olympio Editora para O Quinze de Rachel de Queiroz

Gilberto Gilvan Souza Oliveira³¹

Resumo: Lançado em 1930, até hoje o romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, mobiliza uma narrativa sobre a seca de 1915, no Ceará, e estabelece um lugar para a autora no cânone da literatura brasileira. Esse fenômeno pode ser compreendido por duas vertentes: pela força inventiva do romance e sua consequente recepção crítica e pelas formas editoriais das edições elaboradas pela Livraria José Olympio Editora. Assim sendo, nosso objetivo é compreender como os projetos editoriais destinados ao *O Quinze* transmutaram-no numa possibilidade de compreender e interpretar a seca enquanto fato histórico a partir da literatura, tendo como premissa uma escrita que organiza o tempo e uma narrativa no imaginário social. Acreditamos, pois, que tal movimento foi possível por meio da produção de visualidades gestadas pela materialidade das edições e não apenas pela circulação da narrativa racheliana, sendo o primeiro nosso principal conjunto documental de investigação. Além disso, dialogamos com um conjunto variado de fontes, a exemplo das correspondências entre o editor e a autora, os paratextos e os projetos gráficos analisando-os através da abordagem metodológica da história do livro e da edição.

Palavras-chave: Rachel de Queiroz. *O Quinze*. Livraria José Olympio Editora.

Introdução

Na 35ª edição d’*O Quinze*, de Rachel de Queiroz, publicada em 1986, no frontispício do exemplar está impressa, em caixa alta, a seguinte afirmação de Gilberto Amado: “*UMA PRODUÇÃO TÃO PERFEITA E TÃO PURA QUE CONTINUA SOZINHA, INIGUALADA, TEMPOS AFORA*”³². Esta, ao mesmo tempo

31 Programa de Pós-Graduação em História (Universidade Federal do Ceará)

32 O texto de Gilberto Amado foi publicado pela primeira vez no livro *100 crônicas escolhidas* (1970), de Rachel de Queiroz, no qual reúne crônicas da e sobre a autora. No texto em questão, Amado discorre sobre a experiência de ter e ler a edição d’*O Quinze* e classifica Rachel de Queiroz como mestre da arte de escrever em língua portuguesa. Cabe ressaltar, ainda, que o excerto citado

em que dá título a este artigo, pode ser tratada como uma marca distinção, uma adjetivação e a atribuição um grau de conferência da qualidade da escrita de Rachel de Queiroz, colocando a literata nos escaninhos do cânone literário e inserindo-a entre seus pares.

Não obstante, quando analisamos o excerto a partir das dinâmicas próprias da crítica literária e da sua relação com o mercado editorial, é possível considerarmos que as palavras de Gilberto Amado, ao estampar a capa das edições d'*O Quinze*, possibilitou a *Livraria José Olympio Editora* ganhos no que se refere ao quantitativo de venda dos exemplares, haja vista que os qualificativos presentes no objeto livro possibilitou uma melhor recepção da publicação.

Desse modo, o frontispício informa ao leitor, atento ou não, que *O Quinze* possui qualidade narrativa, que passou pelo crivo da crítica literária e, portanto, é uma incursão literária perfeita e inigualável, para utilizarmos os qualificativos até então mobilizados. Estas adjetivações, quando contrastadas com o nome da autora fixado também em caixa alta e com sombreamento, desperta a curiosidade no público e qualifica a narrativa do romance, a escritora e toda a sua produção intelectual.

Ademais, a presente estratégia editorial estabeleceu uma relação direta entre a escrita racheliana³³ no conjunto de suas obras e o local onde elas eram editadas, atribuindo, também, uma carga de significados à editora na medida em que o selo da *José Olympio* representava a sua casa editora.

Além disso, os livros de Rachel de Queiroz, publicados pela *José Olympio Editora*, faziam parte do principal projeto de seu editor: possibilitar que seus leitores, a partir da literatura, conhecessem o Brasil profundo. Nesse caso, se tomarmos a narrativa d'*O Quinze* como objeto de investigação, ele se tornaria um estudo ou relato sobre a seca do Nordeste brasileiro.

Nesse cenário, a 12ª edição d'*O Quinze* se torna a mais significativa entre as demais, tendo em vista que além de consolidar o aspecto central que acima

acima ocupou diferentes espaços nas edições 18ª à 43ª edição d'*O Quinze*, cujo projeto gráfico foi assinado por Eugênio Hirsch.

33 Cabe considera, pois, que entendemos por escrita racheliana tanto com a sua obra de estreia quanto ao conjunto de todos os textos publicados pela autora, sejam eles os romances, crônicas e as obras traduzidas.

citamos, serviu como o marco de consagração de Rachel de Queiroz, conduzindo-a à casa dos imortais da literatura: a Academia Brasileira de Letras.

Assim sendo, buscamos compreender como os projetos editoriais destinados ao *O Quinze* transmutaram-no numa possibilidade de compreender e interpretar a seca no Nordeste brasileiro a partir da literatura, tendo como premissa uma escrita que organiza o tempo e uma narrativa no imaginário social.

Rachel de Queiroz chega à Casa de José Olympio

[...] José Olympio, se vivo fosse, teria completado 90 anos em 10 de dezembro. Ele estaria reclamando muito, chamando a gente pelo sobrenome, andando descalço pelo apartamento, exigindo livros novos, ralando, se preocupando, que era essa a sua maneira de amar. Adeus, José. Se lembra que você deu para me fazer bilhetes chamando de 'ma soeur'? Ainda os tenho, mas não gosto de pegar neles porque me dá muita vontade de chorar. E te digo em troca: Aí, onde você estiver, cuide do Daniel, o nosso Beleu, que deve estar tão tristonho, sentindo falta dos daqui, mesmo que esteja no céu. Au revoir, mano velho, me espera que eu já estou na contagem regressiva, já fiz 82... (QUEIROZ, 1993, p. 197).

Rachel de Queiroz, ao longo de sua trajetória intelectual, escreveu centenas de crônicas. Mas, talvez, uma das mais difíceis tenha sido a de 20 dezembro de 1992, com o título *A contagem regressiva está correndo*. Nela, a autora fala da dor que faz a falta de um amigo, sobre o prejuízo e a perda, sobre a saudade, a lembrança das palavras, dos sorrisos e dos gestos de amizade e confiança estabelecidos entre ela, Daniel Pereira, Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz, Adonias Filhos e o seu editor e confidente: José Olympio.

Na *Livraria José Olympio Editora*, Daniel Pereira foi amigo mais íntimo de Rachel de Queiroz, mas foi com José Olympio uma das mais profícuas histórias de relação entre editor e editado, passando a ser confidentes, como podemos perceber tanto nos relatos de Rachel, quanto nas missivas do dono da Casa³⁴, numa parceria que durou quase seis décadas, de 1934 a 1991.

Rachel de Queiroz foi a primeira escritora brasileira que teve livros publicados pela *José Olympio Editora*. Motivado por José Lins do Rego, em 1934 José Olympio

34 Gilberto Freyre apelidou a Livraria José Olympio Editora de A Casa. É comum encontramos nas cartas entre editor e editados a expressão Casa para se referir à José Olympio. Desse modo, para evitarmos repetições, ao longo do texto optamos por adotar o mesmo recurso das missivas.

enviou uma carta convidando Rachel para fazer parte do quadro de funcionários e editados da Casa. Lá, além de editada, trabalhou como tradutora, entre 1940 a 1970, traduzindo grandes nomes da literatura mundial como, por exemplo, Leon Tolstói, Dostoievski e Honoré de Balzac.

Em pouco tempo, de *autora da Casa*, Rachel de Queiroz passou a ser *amiga da Casa*. Mais tarde, José Mário Pereira (2008), filho de José Olympio, classificou a autora como a *estrela* e um dos grandes nomes da editora de seu pai. No catálogo da *José Olympio*, a produção intelectual e nome de Rachel de Queiroz estavam na sessão de *Literatura Nacional, Literatura Estrangeira e Literatura infanto-juvenil*, sendo *O Quinze* o livro que obteve o maior número de edições.

Embora o romance *O Quinze* tenha sido a obra de Rachel de Queiroz com a maior quantidade de edições publicadas pela *José Olympio*, foi *Caminhos de Pedras* (1937) o primeiro livro da autora que a editora lançou no mercado.

O Quinze foi publicado pela primeira com o selo da *Livraria José Olympio Editora* somente passados mais de 10 do ingresso da literata na Casa, mais especificamente em 1948, numa edição intitulada *Três Romances (O Quinze, João Miguel e Caminhos de Pedra)*. Contudo, a escritora tinha a intenção de lançar uma nova edição do seu romance antes da supracitada data, conforme podemos observar no excerto da seguinte missiva:

Era intenção, entretanto, dar este novo livro [**As Três Marias**] simultaneamente com uma nova edição ao Quinze (3ª edição) e talvez uma segunda do “João Miguel”. Um rapaz da Editora Nacional me falou alguma coisa nesse sentido, e a proposta me parece justa, porque sinão aí, pelo menos cá pelo Norte há sempre muita procura dos meus livros esgotados (É verdade, não é mania de grandeza não...).

Tenho certeza de que uma nova edição se venderia facilmente. Que é que você pensa disso? Que diabo, eu não sou das grandes, mas ainda há muita gente que me lê na província!

(...) Para seu governo: *O Quinze* e *João Miguel* estavam sendo traduzidos na Argentina (“*Caminhos de Pedras*” também). *O Quinze* a estas horas talvez esteja na rua, segundo me escreveu um tradutor. E na Alemanha, também me estão traduzindo, devendo sair do prelo no mês que vem³⁵ (grifos nossos).

35 Carta de Rachel de Queiroz para José Olympio, Fortaleza, 04 de junho de 1938. Fundação Casa de Rui Barbosa: Arquivo José Olympio Editora, Série Conselho Editorial, Subsérie Editados, Pasta Rachel de Queiroz.

José Olympio não aceitou a proposta de Rachel e a terceira edição saiu pelo selo da *Companhia Editora Nacional* em setembro de 1942. Em relação à menção das traduções de suas obras, trabalhamos com a hipótese de que ela usou como estratégia para convencer José Olympio, pois foi somente a partir da década de 1960 que seus livros foram publicados em língua estrangeira³⁶.

A primeira edição d'O *Quinze* foi publicada em julho de 1930, em Fortaleza, pelo *Estabelecimento Gráfico Urânia* com uma tiragem de mil exemplares. Segundo a autora, a impressão do livro foi um presente dado por seu pai, Daniel de Queiroz. Na época, a edição custou dois contos de réis.

A segunda edição saiu em 1931 pela *Editora Companhia Nacional*. Rachel de Queiroz considerava a segunda edição como se fosse a primeira, pois, segundo ela, a publicação de 1930 não tinha um papel de qualidade. Já a terceira foi lançada em 1942 pela *Editora Companhia Nacional*. Segundo Hans Robert Jauss (1979, p.7-8),

[...] a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem de condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento do gênero, mas sim dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios esses de mais difícil apreensão.

Em outras palavras, *O Quinze*, quando lançado pela primeira vez pela *José Olympio Editora*, já fazia parte de um sistema classificatório, possuía maneiras e espaços de circulação, performances de leitura e pertencia a um modelo de produção livresca: ele é considerado como literatura sobre a seca no Ceará, estava inserido no movimento literário modernista brasileiro, sendo classificado como um romance de cunho social.

Nesse cenário, os projetos editoriais de Olympio inseriram *O Quinze* em outro sistema de livros³⁷, em um modelo editorial diferente de quando a obra foi produzida

36 Em relação às traduções d'O *Quinze*, podemos citar: Das Jahr 15 – die grosse Durr (Suhrkamp Verlag - Alemanha) (1976), L'année de La grande sécheresse (Editions Stock - França) (1986), Tierra de Silencio (Alba Editorial – Argentina) (1995). Outras obras de Rachel passaram pelo mesmo processo: The Three Marias (University of Texas Press) (1963), Dôra, Doralina para o inglês (Nova York, Avon Books) e francês (1984) (Paris, Stock) (1980), e o livro Lampião (Tóquio, Shinsekai) (1964).

37 Estamos utilizando esse conceito que Antônio Candido (2015, p. 16) que o define do seguinte modo: como a *articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular. Obras produzidas por autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem o seu*

inicialmente e, conseqüentemente, num novo modo de circulação, cujo projeto perpassava o ensejo de interpretar e compreender o Brasil.

As próprias condições editoriais são reveladoras dessa mudança. A primeira edição, produzida por uma gráfica, remete a uma produção local, ao contrário da segunda edição lançada por uma editora que estabelece, desse modo, um parâmetro nacional, dada as próprias condições comercialização e distribuição dos exemplares.

Além da trajetória editorial d'O *Quinze*, é importante destacar, também, os *tropos* narrativos que foram utilizadas nos textos produzidos pela crítica literária³⁸ sobre o romance de estreia de Rachel de Queiroz durante o período de 1930 a 1948. Tais críticos centraram suas análises na qualidade da escrita produzida pela literata em romper com a narrativa existente sobre a seca, no que concerne à forma da narrativa e à inserção de um novo elemento: o campo de concentração.

Outro recurso que ganhou o centro das análises foi a palavra modernista. Ao afirmar que a escrita racheliana era modernista, os críticos literários assinalaram um marcador de posição, de paralelo. Neste sentido, indica que existe algo que não é modernista, ou seja, a produção anterior a de Rachel de Queiroz.

Dessa forma, autores que tomaram a seca no Nordeste brasileiro como matéria literária, entre eles Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio, Franklin Távora e José do Patrocínio foram considerados antigos. Principalmente Rodolfo Teófilo, tendo em vista que Rachel de Queiroz mencionou muitas vezes que, ao construir seu romance, uma das suas tentativas foi se distanciar do autor no que tange ao excesso de descrição da pauperização e decomposição dos corpos flagelados pela seca e a grande quantidade de urubus presentes na escrita de Teófilo.

Do mesmo modo que o conceito de modernismo indica uma oposição, um paralelo para os comentadores de 1930, ele vai ser utilizado pela *José Olympio*

relacionamento, definindo uma 'vida literária'; públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento das obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar.

38 Sobre os críticos que escreveram sobre O *Quinze*, podemos citar: Maria Eugênia Celso, *Jornal do Brasil*, em 1930; Martins Capistrano, e Jaime Gris (Fon-Fon), em 1930; Jaime Gris, em carta enviada à Rachel de Queiroz e publicada no jornal *O Povo*, em 1930; e Augusto Frederico Schmidt na revista *As Novidades Literárias Artísticas e Científicas* (1930), além de Herman Lima e Graça Aranha.

Editora como uma estratégia de divulgação para fazer o romance circular e justificar seu projeto de interpretação do Brasil.

Nesses jogos de aproximações entre condições de produção editorial, recepção literária e construção de narrativas sobre *O Quinze*, o romance de Rachel de Queiroz, aos poucos, tornou-se um componente do empreendimento de José Olympio, que consistia em publicar a moderna e contemporânea literatura brasileira.

José Olympio deu atenção aos literatos *modernistas* e, em especial, aos que viriam a ser conhecidos como pertencentes ao ciclo nordestino, sendo um dos fatores que contribuiu efetivamente com o sucesso da sua editora. Além disso, o que fez com que a *Livraria José Olympio Editora* se estruturasse foi, também, o investimento na publicação dos romances de autores brasileiros e das obras que tinham como pretensão compreender e interpretar o Brasil, conforme já mencionado³⁹.

Para tanto, ele procurou estabelecer uma unicidade nacional na forma de uma coleção que, segundo Rodrigo Alves Ribeiro (2015, p. 175), tinha a incumbência de ampliar o acesso ao livro como objeto de estudo através da convergência da produção intelectual de autores novos e já consagrados, nacionalizando-se como *um produto editorial, pluralizando as conceituações de sociedade e cultura*⁴⁰.

Mas a tentativa do editor em pensar o Brasil não seria apenas a partir dos textos de história e os ensaios sociológicos publicados na *Coleção Documentos Brasileiros*. O exercício de compreensão e interpretação do passado e do presente brasileira passaria, também, pela literatura, pelas obras dos literatos que tratavam de problemas brasileiros, formando, desse modo, um mosaico de diferenças que, quando reunidas, apresentaria uma paisagem sobre o Brasil.

Diante desses elementos, podemos considerar que Rachel de Queiroz foi escolhida pela *José Olympio Editora* por méritos, mas não somente⁴¹. Foi também,

39 Dentre os romances publicados podemos citar: Os sertões (1902) de Euclides da Cunha, Sagarana (1946) de João Guimarães Rosa, entre outros. Já em relação as interpretações sociológicas e os ensaios de história é possível elencar O outro nordeste (1936) de Djacir Menezes, Casa Grande e Senzala (1933) de Gilberto Freyre.

40 Faz-se importante mencionar que, em relação a esse último aspecto, José Olympio utilizou-se de uma política editorial existente como, por exemplo, a Coleção Brasileiras que vinha sendo publicada desde 1931, pela Companhia Editora Nacional.

41 Além d'O Quinze, a José Olympio Editora publicou outras obras de Rachel de Queiroz. Editou os romances: Caminhos de Pedras (1937), As três Marias (1939) e Dora, Doralina (1975). Relançou O

em certa medida, por estratégias de mercado editorial; pela relação que ela tinha com José Lins do Rego, assim como Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, entre outros editados pela *José Olympio*; e, em especial, pela força inventiva e criadora d'*O Quinze* e suas demais obras literárias.

Notas sobre um romance que insiste

Um livro que não dorme nas prateleiras das bibliotecas, sejam elas públicas ou privadas. Um livro que resistiu à poeira do tempo, que é reinventado, mas que também inventa, cria, transforma, projeta. Talvez essas definições sejam possíveis de serem direcionadas ao romance *O Quinze*, de Raquel de Queiroz.

Um caso interessante para analisar a viabilidade das adjetivações acima direcionadas para o romance de Rachel são os usos dado ao livro da escritora na década de 1970, o qual foi utilizado para debater sobre a seca e seus danos na vida da população cearense ou, de modo amplo, para caracterizar o nordeste brasileiro.

Na maioria dos discursos presentes nos jornais do início da década de 1970, que possuíam colunas e/ou suplementos literários tratando de livros, a tônica utilizada para se referir ao romance de Rachel era que ele ajudaria o leitor a perceber a realidade vivida pelos sujeitos durante o período de longa estiagem no Nordeste. Havia uma associação direta entre o que os jornais noticiavam e a narrativa racheliana sobre a seca.

Edilberto Coutinho, no texto *A volta de Raquel de Queiroz*, publicado na coluna *Livros*, do jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, afirmou que, mesmo *O Quinze* tratando do drama da seca de 1930, tendo como matéria literária a seca de 1915, sua narrativa era atual.

Quinze (1948) e *João Miguel* (1948). Lançou as obras especiais: *Três romances* (1957); *Quatro romances* (1960) e *Obras Reunidas* (1989). As obras teatrais: *Lampião* (1953), *Abeata Maria do Egito* (1958) e *A sereia voadora* (1960). Em relação ao conjunto de crônicas editorou: *A donzela e Moura Torta* (1948); *100 crônicas escolhidas* (1958); *O brasileiro perplexo* (1964); *O caçador de tatu* (1967); *A menininha e outras crônicas* (1976) e *O jogador de sinuca e mais historinhas* (1980). No tocante a literatura infanto-juvenil, editou *O Menino Mágico* (1969), *O Galo de Ouro* (1985) e *o Cafute e o pena-de-prata* (1986).

Coutinho ressaltou, ainda, a qualidade das ilustrações feitas por Poty⁴² para a 12ª edição, que, segundo ele, eram imagens que ilustravam as narrativas dos jornais sobre a realidade social do Nordeste durante a seca de 1970.

Um vaqueiro e sua família, o fazendeiro e suas famílias. O apego a terra e a necessidade de procurar novas terras. Chico Bento, Dona Inácia, Vicente são figuras vivas e atuais. Permanece o sentido reivindicatório do livro, uma vez que o sistema não foi mudado. É claro que o livro de Raquel teria interesse mesmo que o Novo Nordeste não fosse apenas expressão publicitária. Terá sempre interesse como documento sociológico e como realização literária. Corajosamente novo é inovador para a época, permanece como exemplo do romance social do Brasil (COUTINHO, 1970, p. 6).

É interessante notar que a análise de Edilberto Coutinho sobre a obra destaca os mesmos elementos expostos pela crítica literária dos anos 1930, ou seja, está pautada em três estruturas analíticas: a narrativa sobre a seca, um objeto de estudo sobre o Brasil e um marco para o romance social modernista.

Tomando, ainda, como ponto de análise as considerações tecidas por Coutinho, o romance de Rachel está entre as bordas da ficção e da realidade. Se, por um lado, *O Quinze* é uma realização literária da autora e, portanto, possui o estatuto ficcional, por outro, ele possibilita contar e interpretar a história das secas do Nordeste. Nesse sentido, o que borra a fronteira entre o real e o ficcional na obra de Rachel de Queiroz é o fato de que literata aprendeu a realidade por meio da escrita romanesca.

Nesse sentido, podemos considerar que a obra de Rachel de Queiroz I é tomada como uma narrativa fundante de um real⁴³, pautada na circulação das narrativas orais sobre a seca (sendo esta uma das matérias literárias primordiais para elaboração do seu romance) ou pelo rompimento com uma cultura escrita

42 Assim era chamado o artista Napoleon Potyguara Lazzarotto. Poty foi ilustrador de jornais, revistas e livros. Formado pela Escola Nacional de Belas Artes, no campo da arte atuou como desenhista e gravurista, cuja especialização era a litrografia. Na década de 1980, foi considerado um dos maiores artistas do país (BARATA, 1984).

43 Entende-se por real as significações dadas pelos leitores às construções de narrativas e aos sistemas temporais aos quais eles pertencem. Desse modo, tratando-se particularmente da narrativa do romance, Lossa (2004, p. 17) considera que *quanto mais expressar uma necessidade geral, mais profunda será a ficção, e também quanto mais numerosos forem, ao longo do espaço e do tempo, os leitores que identifiquem, nesses contrabando filtrados da vida, os demônios que os inquietam.*

advinda do século XIX, iniciada por Rodolfo Teófilo, que serviu de base para as produções posteriores, a exemplo dos livros de São José do Patrocínio e de Domingo Olímpio.

Sobre o rompimento com a cultura escrita oitocentista, é possível citarmos, como exemplos, a forma em que Raquel descreve o campo de concentração:

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração.
 Às vezes uma voz a atalhava:
 - Dona, uma esmolinha...
 Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.
 Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas e trajas sujos!
 [...] Quando transpôs o campo, e se encostou a um poste, respirou mais aliviada. Mas, mesmo de fora, que mau cheiro se sentia!
 Através da cerca de arame, apareciam-lhe os ranchos disseminados ao acaso. Até a miséria tem fantasia e criara ali os gêneros de habitação mais bizarros.
 Uns, debaixo de um cajueiro, estirados no chão, quase nus conversavam.
 Outros, absolutamente ao tempo, apenas com a vaga proteção de uma parede de latas velhas, rodeavam um tocador de viola, um cego, que cantava uma melopéia cansada e triste.
 [...] E junto deles e junto deles, uma cabocla nova atiçava um fogo.
 Uma velha, mais longe, sentada nuns tijolos, fazia com que uma caboclinha muito magra e esmolambada lhe catasse os cabelos encerados e sujeira.
 E além, uma família de Cariri levavam um defunto, duro e seco, apenas recoberto por farrapos de cor indecisa.
 Conceição sabia quem ele era. Tinha morrido ao meio-dia, e a sua gente teimava em não o misturar com os outros mortos.
 O bonde chegou (QUEIROZ, 1970, p. 40-41).

Conforme podemos observar no excerto acima e em demais passagens do romance, a história que Raquel contou, diferente das Rodolfo Teófilo, é sem os aspectos de descrição dos corpos corroídos pelas doenças, pela fome e pela miséria. Mas que, mesmo com a retirada dos excessos, continuava revelando a dor, a esperança, o sofrimento, o sangue e o suor daqueles sujeitos esquecidos pelo poder do Estado.

Não obstante à questões até aqui discutidas, além de delimitar um tema e uma forma ficcional da narrativa, a obra de Rachel também demarca um recorte historiográfico, tanto para compreender a seca no Nordeste, quanto para construção

de Rachel de Queiroz como autora. Este recorte, por sua vez, foi criado, em grande medida, por seu editor: José Olympio Pereira.

Como já mencionamos, todas as discussões mobilizadas em torno d'O Quinze durante as décadas de 1930 e 1940 foram incorporadas pela Livraria José Olympio Editora na elaboração dos projetos editoriais destinados ao mesmo. José Olympio, na condição de editor, tratou o romance de Rachel a partir de sua potência, da sua força criativa e inventiva, inserindo-o numa rede de estudos brasileiros produzidos por sociólogos, historiadores, literatos e demais profissionais do conhecimento.

Aqui a nossa referência é o diálogo entre as narrativas romanesca e as publicações classificadas como estudos brasileiros que foram editadas pela Livraria José Olympio Editora, construindo a partir da Coleção Documentos Brasileiros uma espécie de mosaico de formação do Brasil, o qual os leitores poderiam possuí-lo em sua biblioteca.

Nesse ambiente, ao analisarmos as políticas e ações editoriais empreendidas pela José Olympio, é possível considerarmos que a história do Brasil passava não apenas pelos textos formatados dentro dos modelos historiográficos e sociológicos, ela também poderia ser inventada e narrada pela literatura.

Assim sendo, pode-se considerar que a José Olímpio, enquanto editora que possuiu como cerne de atuação a publicação de diversos títulos, autores e coleções que levassem o leitor a compreender e interpretar a história do Brasil, não criou hierarquias entre as disciplinas ou áreas do conhecimento, de modo que a literatura, a história e a sociologia, por exemplo, eram compreendidas a partir das suas peculiaridades, da capacidade de mobilização das narrativas e dos seus efeitos no imaginário do leitor.

Para José Olympio, as narrativas literárias e históricas anunciavam e inventavam a história brasileira, cada uma ao seu modo, utilizando os seus recursos próprios. Ao nos determos na região Nordeste do Brasil, percebeu-se que ela poderia ser lida através dos livros de Gilberto Freyre, de Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado ou de José Américo de Almeida, por exemplo.

Ademais, deve-se destacar que o critério dessa escolha não se pautava por uma questão de escola estético-literário, nesse caso, os padrões demarcados pela

Semana de Arte Moderna, de 1922, e seus respectivos modernismos. A divulgação e disseminação da literatura dos escritores brasileiros estava atrelada à construção de uma paisagem emocional e de um imaginário coletivo acerca do Brasil, que as disciplinas ditas sociais, sozinhas, não dariam conta.

Assim, os literatos não cabiam nos escaninhos de uma literatura compartimentalizada: de um lado a literatura nacional, do outro os regionalismos. O que interessava eram as imagens sobre o Brasil profundo que precisavam ser descobertas e interpretadas a partir de suas multiplicidades, das suas variantes e não apenas através da perspectiva do velho olhar consagrado que outrora se limitava ao eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

É nesse ambiente que a José Olympio Editora elaborou as sucessivas edições para O Quinze, de Rachel de Queiroz. Diante do exposto, o primeiro aspecto que podemos destacar é que as ilustrações produzidas para as capas d'O Quinze estão inseridas dentro de uma tradição de produção de imagens sobre a seca.

Na literatura da seca há recursos comuns que são utilizados para descrição dos espaços e dos sujeitos, como por exemplo, as pessoas desnutridas e enfermas, a decadência das regras moralizantes da sociedade por parte dos sujeitos que migram, a vegetação morta, entre tantos outros.

Toda essa carga descritiva e visual evidencia as classes pobres. Mas, nessa mesma configuração imagética, também estão presentes os grupos abastados, porém de maneira implícita. Eles são representados, em sua maioria, através das imagens de caridade. É o caso da personagem Conceição.

A jovem normalista, ao ir todas as tardes ao campo de concentração para ajudar na entrega de socorros, e a sua avó Inácia, uma senhora rica, que se encontra morando em Fortaleza devido à seca, se sente orgulhosa os atos caridosos realizados pela neta, representando, nessa configuração imagética, as elites do Ceará.

Essa estrutura narrativa dá-se totalmente diferente do caso dos retirantes. Se as elites são descritas de forma insinuada nos textos e discursos, da população pobre e miserável foi produzida uma série de imagens técnicas e artísticas que propeliram a narrativa da fome, do chão seco e rachado, da vegetação morta

entremeada aos corpos magros, aos restos mortais dos animais, de migrantes sob um sol escaldante que penetra a carne de tantos sujeitos sem nome, apenas com silhuetas marcadas pela desnutrição e o desespero.

Os recursos descritivos em relação aos retirantes, para o caso d'O Quinze, foram utilizados com veemência na 12ª edição lançada pela Casa, que contou com uma série de ilustrações feitas por Poty. Por se tratar de uma publicação comemorativa aos 40 anos de publicação do primeiro romance de Rachel de Queiroz, também foram inseridos diversos textos de críticas ao romance para justificar a celebração.

As ilustrações feitas pelo artista plástico para edição comemorativa seguiram o modelo de produção de imagens sobre a seca no Nordeste. Em outras palavras, ele partiu dos tropos narrativos sobre a seca durante o seu fazer como artista.

É importante destacar, também, que Poty elaborou seus desenhos com intuito de conectá-los com o texto do romance de Rachel de Queiroz. Eles fazem referência à três momentos da narrativa d'O Quinze. No primeiro traz o sofrimento da personagem Cordulina ao perder seu filho Josias, que havia morrido por inanição.

A segunda imprime a caminhada, a retirada da família de Chico Bento da cidade de Quixadá até Fortaleza. Já na terceira, o artista se detém a capturar a imagem da vegetação e ao fundo a do Vaqueiro. Possivelmente, em relação a este último apontamento, foi realizada uma referência a Vicente, que no romance decide permanecer no sertão mesmo com a seca.

Sobre esse último aspecto, a ilustração reforça outra imagem criada pela literatura em relação a quem habita os sertões brasileiros. Vicente representa a força, a valentia e a bravura do homem sertanejo que mesmo com todas as dificuldades existenciais não abandona sua terra, decide permanecer enquanto houver mandacaru e juazeiro em pé, para seguir um dos argumentos que também está presente no romance de Rachel de Queiroz.

Ao mesmo tempo em que as imagens dão corpo e forma ao texto do romance, é possível tratá-las como um recurso que insere o livro de Rachel de Queiroz dentro de uma cultura visual que não se restringe apenas a relação entre o texto e a imagem. Essa linguagem visual também está inserida no imaginário social

e pode ser lida por letrados e não letrados, principalmente a partir das narrativas orais sobre a seca no Nordeste, em especial no Ceará, desde o século XIX.

Os desenhos de Poty para a 12ª edição d'O Quinze (1970) circularam em outros espaços e suportes. Elas serviram para ilustrar o catálogo da exposição Raquel de Queiroz: 40 anos de aniversário de O Quinze, realizada pela Biblioteca Nacional brasileira e, depois, como prefácio artístico para a 44ª edição d'O Quinze, comemorativa aos sessenta anos de publicação do romance, publicada em 1990⁴⁴.

Cabe destacar que, embora as edições comemorativas tenham ganhado uma dimensão maior em relação às demais, devido aos recursos utilizados e as formas de divulgação em grande escala, essas estratégias vinham sendo gestadas desde 1948 com a publicação de Três romances e a inserção de notas, poemas e outros textos de crítica literária ao longo das edições d'O Quinze, como uma forma de prescrição de leitura, objetivando, desse modo, estabelecer tipos de leitores que visualizassem uma parte do mosaico de formação do Brasil.

O alinhamento das bordas

Outro recurso bastante importante para pensar as formas que a *José Olympio Editora* apresentou o romance *O Quinze* aos leitores e torná-lo um objeto de interpretação sobre a seca no Nordeste brasileiro, são as charges e caricaturas, pois ambas direcionam performances de leitura e, por sua natureza própria, compõem um modo de ler a escrita racheliana.

As caricaturas sobre Rachel de Queiroz feita por *Appé* para a edição comemorativa do quadragésimo aniversário de publicação d'O Quinze, a de Portrait-charge de *Alvarus* para o seu álbum *Hoje não tem espetáculo* (1945) e a de Augusto Bandeira (publicada na *Coluna Letras e Livros do Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 28 de novembro de 1963), constituem-se uma rede de produção de sentidos, tendo em vista que elas nos remetem a espaços e tempos.

Aqui são retomados dois arquétipos do sertão do Ceará. Na segunda imagem a descrição geográfica e na terceira a do cangaço. Mas é a primeira caricatura que possui uma carga de elementos figurativos com uma força comunicativa

44 Além do prefácio artístico, esta edição contou com uma nota de Ivan Bicharra, intitulada O Quinze: sessenta anos.

instrumentalizadora de percepções e nos direciona as categorias de autor, obra e mercado editorial, mas medida em que a sua construção visual evidencia essas classificações.

A caricatura de Rachel de Queiroz flutuando em cima do número 15, o artigo definido disposto ao lado do numeral, cria uma relação de simbiose e interrelação entre autora e o texto, entre o fenômeno social e a escrita ficcional, impossibilitando o deslocamento entre a escritora e o seu romance de estreia.

No caso da segunda e da terceira, há um meio termo, tendo em vista que elas não foram produzidas exclusivamente para compor os projetos gráficos d' *O Quinze*. Sua forma de produção e seus espaços de circulação eram amplos, pois, antes de serem impressas no objeto livro, haviam sido propelas nas páginas do jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro e em outras obras. O que nos leva a considerar que um público leitor amplo já as conheciam.

Todos esses recursos aqui discutidos podem ser considerados como uma escrita protocolar, ou seja, há uma lógica classificatória e um espaço que se refere à escrita (RAMOS, 2013). Assim, o leitor primeiro entrava em contato com a leitura de outros leitores e, em seguida, com o texto de Rachel de Queiroz.

Considerações Finais

De modo geral, os recursos gráficos e os paratextos funcionaram como um convite para ler as obras de Rachel de Queiroz, mas também como forma de compreender os problemas sociais do Brasil e, em particular, a seca no Nordeste brasileiro, figurando o nome de Rachel ao lado de autores como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Desse modo, Rachel, aos poucos, tornou-se a criadora de uma narrativa sobre a seca.

Além disso, os recursos aqui discutidos nos levam a considerar que a seca no Nordeste, a parte d' *O Quinze*, não se vincula a fixidez de um lugar geográfico ou as fronteiras delimitadas pela miséria, a fome, mas como uma possibilidade de pensar o Brasil em sua multiplicidade.

Portanto, as vinculações entre a narrativa racheliana como forma de compreensão dos problemas sociais brasileiros e as suas sucessivas edições e

estratégias editoriais da José Olympio criaram uma relação quase em inquebrantável entre Rachel de Queiroz a escritora d' *O Quinze* ou *O Quinze* de Raquel de Queiroz, fundando na carne, na escrita, na tinta, no papel e nos escaninhos do cânone literário a síntese do que Rachel foi ou poderia ter sido: autora.

Bibliografia

BARATA, Mário. **Poty**: a arte contra a guerra. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2/84, p. 28-32, 1984.

CÂNDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouros sobre azul, 2015.

JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor**: textos de estética da Recepção. Tradução: Luís Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LLOSA, Mário Vargas. *As verdades das mentiras*. In: **As verdades da mentira**. São Paulo: Arx, 2004, p. 15-30.

QUEIROZ, Rachel de. *Depoimento sobre "O QUINZE"*. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n.3, p.7-116, setembro de 1997.

_____. *A contagem regressiva está correndo*. In: **Rachel de Queiroz**: as terras ásperas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1993, p. 197-198.

_____. **O Quinze**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *O limite da letra*: a escrita epistolar e a invenção da literatura cearense. In: LUCAS, Meize Regina de Lucena; RAMOS, Francisco

Régis Lopes (orgs.). **Correio literário**: cartas de intelectuais brasileiros no Brasil durante o século XX. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2013, p. 175-195.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. **“Revele, pois, a falta de minhas respostas...”**: interfaces entre as cartas e os livros de Gilberto Freyre (1933-1978). Tese (Doutorado em História). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2015.